



Racismo, Educação e Psicologia: narrativas e protagonismo infantil.

Autor (1); Lúcia Ferraz Vargas de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Jequié - Bahia;

E-mail aguiafvs@yahoo.com.br

Orientadora; Regina Marques de Souza Oliveira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Jequié - Bahia

Co-autor (2); Ana Vargas Ferraz

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Vitória da Conquista - Bahia;

E-mail naninha_vargas@hotmail.com

Co-autor (3) Magali Silva Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Jequié - Bahia;

E-mail magaliveira@uol.com.br

Resumo: Neste texto são apresentadas reflexões sobre as referências conceituais e metodológicas da dissertação de mestrado intitulada - **Identidade Negra e Processos Subjetivos na Infância: formas de enfrentamento do Racismo** - assim como, as motivações para a pesquisa e os desafios enfrentados para consolidar uma relação pesquisador e pesquisado, cuja memória dos últimos serviu de base para o enriquecimento do labor empírico, numa busca de visibilidade e fortalecimento da identidade desses sujeitos protagonistas de suas histórias, porém silenciados pela história hegemônica. Discorro sobre o cenário da pesquisa, enquanto um local de pertencimento e de fortalecimento da pesquisadora, no crescimento humano, bem como o caminho trilhado para chegar até o presente trabalho. A base metodológica foi construída a partir dos estudos do materialismo histórico e dialético, precisamente apoiado na Escola de São Paulo-PUC, na imbricação e intersecção de epistemologias distintas (psicanálise, psicologia social materialista histórica, relações étnico-raciais e educação). No intuito de entender dialeticamente, a constituição da identidade da criança negra, em seus movimentos de transformação e enfrentamento do racismo.

Palavras-chave: Educação Escolar, Negro, Relações Étnico-Raciais, Enfrentamento do Racismo.

Neste texto são apresentadas reflexões sobre as referências conceituais e metodológicas da dissertação de mestrado intitulada - **Identidade Negra e processos subjetivos na infância: formas de enfrentamento do Racismo** – assim como, as motivações para a pesquisa e os desafios enfrentados para consolidar uma relação pesquisador e pesquisado, cuja memória dos últimos serviu de base para o enriq

uecimento do labor empírico, numa busca de visibilidade e fortalecimento da identidade desses sujeitos protagonistas de suas histórias, porém silenciados pela história hegemônica. Discorro sobre o cenário da pesquisa, enquanto um local de pertencimento que me fortalece enquanto pesquisadora, no crescimento humano, bem como o caminho trilhado para chegar até o presente trabalho.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ao me valer das memórias dos antepassados das crianças protagonistas dessa pesquisa, prezo pelo reconhecimento destas, como possibilidade de enfrentamento do racismo. Pois, compreendo que “para saber quem alguém é, precisamos perguntar a ele, precisamos nos perguntar quem somos. Principalmente, quem queremos ser, tendo em vista quem somos hoje e quem fomos ontem” (CIAMPA, 1998, p. 241).

Essa pesquisa foi desenvolvida numa escola municipal na zona rural do município de Cândido Sales, que está localizado no Sudoeste da Bahia e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) conta com uma área territorial de 1.169,820 Km². O número de habitantes no censo de 2010 foi totalizado em 27.918 habitantes, sendo a estimativa para 2015 de 26.855 habitantes. Trata-se de uma escola de pequeno porte que atende em média 100 alunos, matriculados da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Desses habitantes, se considerarmos as declarações de cor/raça das pessoas pretas e pardas, segundo dados do IBGE/2010, podemos afirmar que mais de 70% dos cândido-salenses são negros e/ou afrodescendentes, portanto, trabalhar com a valorização e resgate das histórias e

seus ancestrais é um caminho para dar visibilidade e reconhecimento a seus descendentes, as crianças negras.

Mesmo o campo educacional tendo avançado nas pesquisas sobre a realidade do negro nos bancos escolares desde a pré-escola até o ensino superior, esses trabalhos ainda não têm representado mudanças significativas nas práticas cotidianas da sala de aula, que ainda transforma em vítimas as crianças negras, afrodescendentes e indígenas. A escola atual ainda precisa renovar no seu âmago um respeito maior à criança e ao jovem que tem no seu bojo. O atendimento e o entendimento desses sujeitos são desrespeitosos e ainda apresentam falhas pedagógicas que precisam ser superadas (NASCIMENTO, 1991, p. 73).

Nesse sentido, para um melhor entendimento do objeto de estudo consideramos também as relações com o processo de aquisição formal o conhecimento na imbricação de outros campos do saber que são importantes no contexto escolar, como a psicologia e, de modo específico, a psicologia social, cuja leitura se faz significativa para o processo de transformação da sociedade e, por conseguinte, da escola.

Essa possibilidade de comungar com campos diversos de conhecimento e com intelectuais distintos se faz possível e fundamental num mestrado



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

interdisciplinar, como é o caso do Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ODEERE¹, campus de Jequié, a partir de suas duas linhas de pesquisa: Etnicidade, Memória e Educação; Etnia, Gênero e Sexualidade.

As discussões fomentadas nas disciplinas do Mestrado e o exercício empírico nos campos da pesquisa possibilitaram-me uma nova forma de ver, sentir e viver o meu cotidiano, enquanto mulher, moradora de um território rural, que se faz educadora e primeira mestranda do Povoado de Lagoa de Timóteo. Assim, eu passo a desenvolver um sentido mais amplo e diverso sobre o mundo, a vida e a diversidade que a compõe. Esse olhar modificado para as novas possibilidades, para novas formas de desconstruir e construir relações é um dos aspectos que me encanta e me motiva pessoal e profissionalmente (NOGUEIRA, 2003, p.10).

Para tanto, uma das bases teórica que fundamenta esta pesquisa é o trabalho pioneiro em psicologia social sobre identidade da criança negra pequena de 0 a 6 anos (SOUZA, 2003), uma vez que ele inaugura este campo de discussão na

¹ Órgão de Educação e Relações Étnicas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, situado no Bairro do pau Ferro, em Jequié, Bahia.
contato@conedu.com.br

psicologia com crianças pequenas e todo o itinerário empírico se constituiu anterior a aprovação da Lei 10.632/03. Ao instigar questionamentos referentes ao desenvolvimento psíquico, relacionando-os ao desenvolvimento de questões étnicas e culturais, a autora amplia as possibilidades de um melhor entendimento dos processos de construção da identidade da criança negra e seu psiquismo por meio das relações afetivas vivenciadas por esses sujeitos em seus espaços de socialização, em especial, a escola. Para aliar essas questões de ordem tão diversas, foi necessário à autora buscar na psicologia social, sob o enfoque da construção da identidade em Ciampa, e também na psicanálise, sob o enfoque do desenvolvimento humano de Winnicott, as suas bases teóricas.

O resgate que fazemos do método de pesquisa em identidade da psicologia social, para o campo educativo traz como proposição o fomento de reflexões sobre os desafios enfrentados pelas crianças negras e não negras para firmar relações de respeito e valorização da cultura afro-brasileira e africana como uma das bases fundantes da sociedade brasileira e atentar para a complexidade que permeia as práticas de enfrentamento do racismo no ambiente escolar, enquanto possibilidade de desconstruir um imaginário racista e discriminador. A pesquisa com crianças é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desafiadora, ainda mais quando voltada para o enfrentamento do racismo, pois há o escudo do silenciamento, que tende a camuflar essas relações tornando-as naturalizadas. Autores como Valença (2010), através de um estudo bibliográfico que lhe possibilitou uma panorâmica das perspectivas de investigação empírica sobre as crianças, elencam dentre as possibilidades o estudo do discurso das crianças, seus jogos, suas brincadeiras, acrescenta-se seus desenhos, suas relações nos grupos pares e/ou com os adultos, suas interações com a mídia, sua mobilidade, sua participação em redes e suas opiniões sobre variados temas, a partir de uma releitura das produções.

São as ciências humanas que direcionam os seus olhares para os territórios esquecidos, as vidas sofridas, as histórias silenciadas. Com o poder de contar e interpretar os acontecimentos que se passam pelo mundo dos trabalhadores ou nos meios populares, em geral (BOSSI, 2003).

Nesse exercício, ficou evidenciado, que a universidade, em particular, as pesquisas e produções realizadas no PPGREC², reverbera outra configuração da relação sujeito e objeto, na abordagem de temáticas como a população negra,

² Programa de Pós- Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade- UESB/ ODEERE- Campus de Jequié, Bahia.

indígena, o racismo, o cotidiano escolar e os demais temas referentes a políticas públicas. Esses não são temas que mereçam ser abordados com o recorte teórico-metodológico de uma ciência inteiramente neutra, sem o envolvimento de seus protagonistas, pesquisado e pesquisador.

Como um importante espaço de socialização, a escola, no plano das discriminações e desigualdades, tem servido à sua reprodução e, com isso, minimizado possibilidades de mobilidade educacional e social de crianças e jovens negros e indígenas, nas suas diversas etnias “A escola não necessariamente está atenta à relevância do clima escolar e das relações sociais para o desempenho escolar, que pode ser afetado por sutis formas de racismo que muitas vezes não são assumidas ou conscientemente engendradas” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 22).

A partir de trabalhos como os de (Souza, 2003, Cavalleiro, 2003); (Fazzi, 2006; Abramovay e Castro, 2006), (Ferraz, 2012), (Gebera, 2014) e (Ferraz, 2015) foram evidenciadas atitudes de silenciamento no que tange aos conflitos raciais no âmbito escolar, ao mesmo tempo, que são afirmadas as atitudes e comportamentos preconceituosos nesse espaço de socialização. Mesmo ciente desse fato, um número significativo dessas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pesquisas ficam na base da constatação e pouco tem sido feito, na prática, para mudar essa realidade. “A ausência de um debate aberto e de uma orientação intencional e planejada por parte dos agentes socializadores” [escola e família], no sentido da superação de atitudes preconceituosas e discriminatórias têm favorecido a manutenção do preconceito e da discriminação racial (FAZZI, 2006, p.216).

Possivelmente, essa ausência de enfrentamento seja uma questão bem mais complexa do que se aparenta. Munanga (1999, pp.120-122) observa que o brasileiro foge de sua realidade étnica, de sua identidade e procura aproximar-se dos símbolos criados pelo dominador, o branco europeu. Essa fuga, no entanto, não acontece de forma involuntária. É preciso compreender que por ela perpassa toda uma ideologia do sistema racial brasileiro, que “numa nação marcada pelas diversidades étnicas e raciais, não se observem fenômenos de afirmação de identidades”.

Na perspectiva da comparação entre a cosmovisão desses sujeitos e a realidade de diferenças quanto a desempenho entre alunos negros, indígenas e brancos; e reverberando sobre os desafios de uma educação escolar que de fato

assuma

a sua responsabilidade nas trajetórias educacionais de seus alunos negros pautadas em desempenhos de sucesso e em formas de enfrentamento dessas questões étnicas e raciais é que se firma nossa análise sobre a constituição de identidade da criança negra em seus espaços de socialização.

Frente ao exposto, é preciso considerar que as reflexões sobre o processo de socialização da criança negra presente na instituição escolar precisa ser levado a sério, perpassar o nível teórico e a constatação, para refletir em mudanças concretas, pautadas em práticas educativas clivadas de delicadezas, que favoreçam as atitudes de respeito diante da diversidade social, étnica e cultural presente nesse espaço de socialização secundário, a saber, a escola.

Tais mudanças estão muito bem amparadas nos aportes legais da Lei 10.630/03, cujo parecer oferece uma resposta aos anseios da população afrodescendente no sentido de reparar, reconhecer e valorizar sua história, cultura e identidade. Enquanto política curricular, tem suas bases firmadas nas dimensões históricas, sociais e antropológicas procedentes da realidade brasileira, e almeja combater o racismo e as discriminações que vitimiza de modo particular os negros. Para tanto, define como proposta:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

À divulgação e produção de conhecimento, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnicorracial, para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2013, p. 498).

Assim sendo, para responder os questionamentos que fizemos em busca dos caminhos possíveis para entender as dimensões de enfrentamento do racismo por crianças pequenas nas escolas, tivemos como bases metodológicas da pesquisa a história de vida em psicologia social, a observação etnográfica na escola, a entrevista semiestruturada com alguns profissionais da escola, assim como o desenho infantil, que se revelou um caminho metodológico viável para as investigações de relações que envolvam indivíduo, sociedade e cultura, produções subjetivas e aspectos da coletividade.

Nesse sentido, o estudo sobre o processo de constituição da identidade na criança negra se revelou desafiador e promissor para entender as questões que permeiam a constituição e a organização das formas de subjetividade dessa criança, a partir das considerações sobre a sua família, condições afetivas, emocionais e intelectuais; sua percepção de si neste contexto e sua inserção e circulação no âmbito

escolar a partir do convívio com figuras extensas como professores, funcionários da escola e seus pares.

Necessário se fez entender como a família relaciona-se com sua(s) criança(s) e os possíveis elos com a formação de um indivíduo saudável na perspectiva interdisciplinar entre psicologia e educação. E ainda, como a escola organiza o campo das relações étnicas com as crianças (negras e não negras) considerando os elementos socioculturais de ancestralidade étnica, família, discriminação e preconceito; bem como as possíveis estratégias que são elaboradas pelas famílias e pela escola das crianças investigadas, que podem ou não favorecer suas vivências afetivas nessas duas instâncias socializadoras.

Nesse exercício, as entrevistas de história de vida, principalmente, das avós, seguida das mães e dos pais das crianças protagonistas dessa pesquisa se fizeram valorativas, pois esta família extensa está mais atenta às estratégias que possam favorecer as vivências afetivas de suas crianças, seja nas relações familiares ou escolares. E, por meio das experiências de vida, pelas privações materiais e afetivas a que foram submetidas, as famílias desenvolveram táticas de sobrevivência e defesa de suas filhas e filhos, netos e netas.

Importante perceber que esse sofrimento representado pela ausência



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de afeto materno vivenciado por Dona Benedita serviu de energia propulsora para ampliar seus cuidados e amor materno com suas filhas e filhos, netas e netos. Ela fora explorada na infância, mas teve a preocupação de não explorar as filhas e filhos ainda criança no trabalho.

As entrevistas de histórias de vida, ao serem realizadas com os pais, mães e avós das quatro crianças pesquisadas, não tiveram a quantidade definida a priori, nem um roteiro de questões pré-definidas, uma vez que os colaboradores devem ficar livres para recordar suas vivência e efetivar suas narrativas. As entrevistas foram gravadas, uma vez que foi acordado entre pesquisador e os entrevistados tal prática.

A memória ou história de vida enquanto recurso metodológico utilizado oferece a condição da formação da coletividade “que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Este recurso metodológico tem se revelado de imprescindível importância para estudar grupos de excluídos, marginalizados e minorias, que possuem memórias subterrâneas, caracterizadas por conflitos, disputas e rupturas, as quais afloram nos momentos que encontram uma escuta (SOUZA, 2003, p.66).

A entrevista de história de vida com os

familiares, assim como a entrevista semiestruturada com alguns profissionais da escola, como procedimento metodológico em sua profundidade, firmou-se como elemento primordial para a compreensão do olhar do outro sobre as crianças em estudo, pois esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise do vivido.

Também enquanto passo metodológico importante no entendimento do processo de construção identitário das crianças investigadas, foi realizada uma oficina temática: **Construindo a Identidade na Diversidade: valorizando as diferenças na sala de aula**, a fim de coletar aspectos do psiquismo (condição emocional) e da identidade da criança a partir da fala e expressões específica através dos desenhos. A oficina foi organizada após a coleta dos dados, a partir das entrevistas de histórias de vida e ter início a observação etnográfica na escola.

Sobre o uso dos desenhos enquanto aporte metodológico da pesquisa considera-se que tais recursos representam uma técnica de expressão gráfica de afetos, sentidos e discernimentos sobre relações étnicas, preconceito, racismo, discriminação, percepção do mundo, relações sociais. As produções culturais (brincadeiras e desenhos) serão nesta pesquisa os elementos adicionais para compreensão dos significados que as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

crianças atribuem à sua vivência na escola e na família sobre suas relações estabelecidas com seus pares, a partir do desvendamento da identidade infantil da criança negra. A palavra desenho mantém uma relação de parceria com a palavra designo. Quando se restabelece a ligação entre ambas, o resultado é uma amplitude na capacidade do ser humano de ampliar o próprio viver. O desenho, nesse sentido aproxima da noção de projeto numa espécie de lançar-se para frente. Enquanto desenha, a criança afirma a sua capacidade de designar, de alçar voos na direção que sua imaginação levar (ALBANO, 1999, p. 16).

Para formular uma análise significativa dos desenhos das crianças, torna-se necessário num primeiro momento descortinar-se de uma visão pragmática do que deve ser um bom desenho, pois só vencendo esse preconceito é possível ser “capturado pela poesia” que pode fluir dos desenhos das crianças. É preciso também prolongar o tempo de observação e buscar os suportes teóricos necessários para dialogar com o que for descoberto no decorrer da análise. Trata-se da “experiência estética”, que pode ser provocada pelas vozes dos desenhos.

Através desse exercício, é possível enxergar os verdadeiros significados do que é

desenhado e pintado. O que de início pode parecer borrões estranhos pode aos poucos se revelar os sentimentos individuais, com motivos diferenciados (ALBANO, 2012, p.32).

O material coletado na oficina de desenho foi interpretado a partir de uma leitura conjugada com os demais materiais da pesquisa, ou seja: Observação etnográfica do contexto escolar e familiar das crianças; entrevistas de Histórias de Vida com os pais e avós das crianças, com ampliação de algumas entrevistas aos profissionais da escola, bem como por meio de literaturas específicas sobre desenhos e crianças do campo da educação e psicologia.

A análise dos desenhos contou com os aportes de psicanalista experimentado na prática clínica infantil. Foram fundamentais as gravações das horas de análise e interpretação dos desenhos com este profissional para alcançar as relações dialógicas com o tema da pesquisa.

Sob tal circunstância, a imbricação metodológica entre aportes da psicologia e da psicanálise no que se refere a interpretação de desenhos e historicidade em antropologia e etnicidade é um aporte complexo, de difícil domínio, por exigir do pesquisador conhecimentos aprofundados em psicologia social materialista histórica, antropologia e identidade, bem como em psicanálise infantil, no nível conceitual



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

teórico, mas principalmente no nível da prática clínica.

Esta metodologia de pesquisa é dificilmente utilizada com toda a sua plenitude, pois em geral psicólogos e psicanalistas costumam realizar interpretações de desenhos e histórias de vida (psicologia social e psicanálise). No entanto, incomum, pela dificuldade do método, são os pesquisadores capazes de realizar a conjugação psicanálise, psicologia social materialista histórica e etnicidade, relações raciais a partir do campo sócio antropológico; histórico e cultural.

Este pioneirismo metodológico tanto em psicanálise, quanto em relações étnicas está expresso nas obras: *Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões da psicologia social e da psicanálise* (Souza, 2003), *A identidade de jovens negros nas metrópoles: retratos entre São Paulo e Paris* (Oliveira, 2008) e *Psicanálise infantil e identidade: relações étnicas e raciais* (Oliveira, 2016, no prelo).

Esta metodologia foi construída no desenvolver da pesquisa com a utilização do gravador nas sessões de supervisão³ dialogadas com a psicanalista que apoiou

³O termo supervisão refere-se especificamente a condição do exercício da prática clínica psicológica na formação do psicólogo e do psicanalista. Esta exigência da psicanálise e da psicologia foi nos dada por empréstimo através dos diálogos com a psicanalista-orientadora da pesquisa; pois minha formação de base não é em psicologia ou psicanálise.

os desenvolvimentos das interpretações em todos os desenhos apresentados nesta pesquisa.

Assim, numa perspectiva interdisciplinar de dados e teorias, tentamos entender nossos sujeitos crianças negras, em suas vivências enquanto moradores de uma comunidade rural, cuja história de seus ancestrais tem sido levada pelo vento e apagada da memória, talvez por uma possibilidade de deixar no esquecimento as experiências de sofrimento, se libertar dos estigmas ao longo da vida, mas que, ao mesmo tempo, acaba reforçando o silenciamento das conquistas alcançadas.

Sob tal circunstância, pensar em relações étnicas e raciais no contexto da educação de crianças negras, indígenas dentre outras é aspecto importante para a contemporaneidade, pois revelará as vivências emocionais e a identidade infantil destas, frente a assunto tão desprezado por nossa sociedade, a existência do racismo e discriminações nas relações sociais, institucionais e afetivas das crianças, e o quanto este pode lhes marcar o psiquismo e diminuir a chances de enfrentamento do racismo e discriminações.

É importante que a escola, a família e a sociedade em geral façam uma leitura mais aprofundada da vida dessas crianças, enquanto sujeitos históricos que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

necessitam de um efetivo resgate da sua ancestralidade de modo que tenham suas estruturas psíquicas fortalecidas, numa metamorfose em que vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído (MINAYO, 1994, p. 13).

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Orgs). **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade.** Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

ALBANO, Ana Angélica. **Arte e pedagogia: além dos territórios demarcados.** In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 26-39, jan.-abr. 2010 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em 20/09/2014.

BÂ, Amadou Hampâté, 1900-1091. **Amkoullel, o menino fula;** tradução Xina Smith de Vasconcellos. 3ª edição. São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013. p. 46.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** 6 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

CIAMPA, Antônio da Costa. **Identidade: as categorias fundamentais na Psicologia Social.** In: <https://psico48.files.wordpress.com/2012/04/ciampa-a-identidade.pdf>-acesso - 12/05/2015

_____. **A Estória do Severino e a História da Severina – um ensaio de Psicologia Social,** São Paulo, Editora Brasiliense, 1998.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial da criança brasileira: socialização entre pares e preconceito.** Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

FERRAZ, Lúcia Vargas. **Relações Raciais na Infância: Estudo em uma escola rural do Interior da Bahia.** In: **Diferenças, Sexualidades e Relações Etnicorraciais em Educação.** EUGÊNIO, Benedito Gonçalves; SANTOS, José Jackson Reis dos, BEZERRA, Tania Serra Azul Machado (Orgs). Campina Grande – PB: Realize, 2015.

GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi. **Gênero, família e relações étnico-raciais: um estudo sobre mulheres pardas e provedoras, e as relações que estabelecem com a educação de seus filhos e filhas.** UFMG. Belo Horizonte 2014(Tese de doutorado).

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O . GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARON
E Iray;

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A África na Escola Brasileira: relatório do 1º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública.** Brasília: Senado Federal, Gabinete do Senador Abdias do Nascimento, 1991, (Apêndice E, p.73).

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. **Identidade de Jovens Negros e Metrópole: enunciados da diáspora em São Paulo e Paris.** In: OLIVEIRA, Reinaldo José de, (org.). *A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território.* São Paulo. Alameda, 2013.

_____. **Identidade de Jovens Negros nas Periferias das Metrôpoles: recortes entre São Paulo e Paris.** PUC. São Paulo, 2008.
(Tese de Doutorado em Psicologia Social).

SOUZA, R. M. **Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões da psicologia social e da psicanálise.** Dissertação de Mestrado – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, 2003.